

A oposição sertão/cidade do ponto de vista do retirante de *Morte e vida severina*

Adriana de F. B. Araújo [\[1\]](#)

Resumo

Neste ano de comemorações dos 50 anos de *Morte e vida severina*, este artigo propõe uma visita ao texto concentrada na identificação das diferenças que Severino repara no trânsito sertão/Recife bem como na visão que ele tem da cidade e de seu futuro ali. Em primeiro lugar, faz-se uma revisão do contexto de produção e do modo de construção da obra. Em seguida, pela ótica de Severino, comenta-se a reforma agrária e as modernizações frustradas por que passa o Nordeste.

Abstract

Celebrating 50 years from the publication of *Morte e vida severina*, this article proposes a visit to the work focusing on the differences that Severino sees in his way from the interior, “sertão”, to Recife. The text also points out the vision he has of Recife as well as of his future there. At first, there is a revision of the context of production of the text and of its *modus operandi*. Thus, from the point of view of Severino, there are comments on land redistribution (reforma agrária) and on the frustrated modernizations of the Northeast.

Palavras-chave: sertão, cidade, migração, História Literária

Contribuindo com as comemorações dos 50 anos de publicação de *Morte e vida severina: auto de natal pernambucano*, este artigo se dedica ao estudo de como o migrante vê a cidade em que chega em *Morte e vida severina*, a partir das leituras da obra feitas por Benedito Nunes e Haroldo de Campos. A idéia é contrastar o sonho do migrante e a concretude da cidade que se apresenta diante dele.

Benedito Nunes no livro que dedicou à poesia de João Cabral (Nunes, 1978) realiza, na nota bibliográfica, um histórico bem completo da vida e da obra do autor, e é dessa fonte que recolhemos o pedaço do caminho que se refere a *Morte e vida severina*. No momento em que Benedito escrevia, João Cabral ainda estava vivo e já era reconhecido como um dos poetas mais populares do Brasil. Enormes platéias do Brasil e do exterior já tinham aplaudido o auto de natal pernambucano *Morte e vida severina*, que ampliou consideravelmente o espaço de penetração da poesia de Cabral.

Morte e vida foi escrito em 1955, a pedido de Maria Clara Machado para seu teatro, o

Tablado. Ao saber que sua peça não seria representada, João Cabral guardou o texto que foi publicado apenas em 1956 no volume intitulado *Duas águas*, que reunia sua poesia completa até então.

Em 1958, o texto recebe sua primeira montagem realizada por um grupo amador, o Norte Teatro Escola do Pará, que o levou a palcos do Recife por ocasião do 1º Festival Nacional de Teatros dos Estudantes. A montagem valeu a João Cabral o Prêmio de Melhor Autor Teatral daquele ano. Essa montagem teve uma repercussão regionalizada, mas chamou a atenção da Companhia Cacilda Becker que encenaria o texto anos depois. No entanto, foi só em 1966 que o texto ganhou notoriedade, quando foi encenado no teatro da PUC-SP e do Rio de Janeiro e posteriormente no Festival Universitário de Nancy (França), com música de Chico Buarque de Holanda.

O grande sucesso internacional repercutiu no Brasil, garantindo ao espetáculo uma longa estrada de apresentações, com casas lotadas, em quase todas as capitais com a Companhia Paulo Autran. Junto com o sucesso de público aumentavam as inúmeras tiragens do texto e posteriormente da primeira edição das obras completas do autor. Benedito Nunes chama a atenção para o fato de que com João Cabral acontece um fenômeno que não se repetia desde 1922, a consagração popular de um poeta. Cabral chegou também à Academia Brasileira de Letras onde tomou posse em 1969.

Marly de Oliveira na “Introdução” que faz à edição da *Obra completa* do autor (Melo Neto, 1994: 15-24), conta que por volta de 1949-50, João Cabral lê por acaso no *El Observador Económico* que a expectativa de vida no Recife era menor que a da Índia. Cabral produz então *O cão sem plumas*. E, não satisfeito, volta ao mesmo tema, mas com uma mudança de perspectiva, produziu *O rio ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*. Respectivamente de 1950 e 1953, esses livros representam uma virada na poesia de João Cabral.

As interpretações geradas a partir da disposição do autor em dar a denominação de “duas águas” à sua obra entram num debate interessante. Alfredo Bosi (de forma sintética na *História concisa*) e Antonio Carlos Secchin (no estudo aprofundado em *A poesia do menos*) avaliam as duas águas como uma diferenciação entre uma poesia auto-referenciada, complexa e cerebral, e uma participante, na qual aparece o tratamento natural e humano da região com raízes populares, e um discurso mais fácil, dada a sua natureza dramática e o uso da redondilha maior, respectivamente.

Haroldo de Campos, em estudo dedicado a Cabral (Campos, 1970: 67-78), chama a atenção para textos do próprio Cabral para comprovar a mesma tese. Haroldo mostra como Cabral estava preocupado com o problema da comunicação. Do depoimento dado por Cabral sobre a “Geração de 45” ao *Diário Carioca* em 21-12-52, Haroldo aponta os traços que Cabral critica nessa geração de poetas. Primeiro, Cabral os considera idealistas na seleção e no tratamento da linguagem, que valoriza o sublime em detrimento do prosaico e o inefável em detrimento do tangível. A seguir, Cabral acrescenta que “trata-se de uma poesia feita sobre realidades, feita com zonas exclusivas do homem, e o fim dela é comunicar traços sutilíssimos, a que só pode servir de instrumento a parte mais leve e abstrata dos dicionários. O vocábulo prosaico

está pesado de realidade, sujo de realidades inferiores, as do mundo exterior, e em atmosferas tão angélicas só pode servir de neutralizador” (Campos, 1970: 70).

Assim falando, Haroldo afirma que Cabral sustenta, até em favor próprio, uma noção de que havia, nessa geração, poetas que preferiam os meios da prosa e que portanto estariam bem longe dos processos usados pelos poetas do veio da produção naquele período, e assim, a relação entre uns e outros era apenas cronológica. Dessa citação de Cabral, Haroldo tira a diferença entre a poesia do próprio Cabral, marcada pela propensão realista para o substantivo e o concreto, e a poesia da “geração de 45” de forte pendor idealista para o imponderável.

Da questão da desalienação da linguagem, Haroldo de Campos chama a atenção para o problema da participação tratada pelo poeta no texto de 1954, “Da função moderna da poesia”. Nesse texto, Cabral atribui o divórcio entre a poesia e o leitor à preferência dos poetas por temas intimistas e individualistas. Cabral critica o poema moderno que, como uma caixa de depósito, é o simples acúmulo de material poético escrito em primeira pessoa, rico, mas desprovido de organização e construção. Assim, Haroldo comprova como no bojo da poesia de Cabral existe um empenho pelo alargamento do auditório.

Cão sem plumas (1950) é para Haroldo de Campos um poema que marca a passagem entre as dicções do poeta, um momento de equilíbrio entre as conquistas construtivas dos livros anteriores e a vontade de comunicação e de abertura do ambiente temático do poema. Em *O rio* (1953), Haroldo afirma que Cabral já faz prosa em poesia e explica “não prosa poética nem poema em prosa, mas poesia que fica do lado da prosa pela importância primordial que confere à informação semântica” (Campos, 1970: 72). *Morte e vida* é, para Haroldo, a obra de Cabral menos consumada e mais diluída em termos da participação, embora apresente boa fatura enquanto experiência de poesia dramática. Resumindo a opinião de Haroldo de Campos sobre as duas águas, diz ele que a primeira água é a poesia de concentração reflexiva e a segunda é aquela destinada a auditórios mais largos, é a poesia crítica que põe seu instrumento a serviço da comunidade.

Já Benedito Nunes é de opinião que em ambas há o distanciamento da individualidade, da voz pessoal e de seus sentimentos (Nunes, 1971). Como já bem estabelecido criticamente, a poesia de Cabral é do domínio da poesia anti-lírica, da poesia do não, da não musicalidade, não subjetividade, não confessionalismo, poesia desemplumada, com base na palavra concreta e com um sentido prosaico de ordenação sintática e semântica.

A diferença entre as duas águas, segundo Benedito Nunes, está no aspecto e na forma de comunicação. Na segunda água, há um aumento de volume e uma ampliação da comunicabilidade dos poemas. Para Benedito Nunes, ao invés de dois tipos de poesia, há dois tipos de dicção que divergem pelo modo no qual o texto chega ao seu destinatário: ora pela leitura individual e silenciosa, ora pela comunicação oral que possibilita uma recepção coletiva.

Penso que as diferenças entre as duas águas, no entanto, não são tão importantes, grosso modo, quanto a visão que se encerra nelas. Poeta do concreto, Cabral escolheu a imagem da casa com suas duas caídas, mas ainda uma coisa inteira e sólida.

Já foi dito que a poesia de Cabral obedece a um rigor sintático e semântico de encadeamento de idéias e palavras muito cristalino. Críticos como João Alexandre Barbosa e Mário Chamie chamam a atenção para o fato de que esse expediente discursivo leva o poeta e a nós leitores pelo caminho de uma didática. Há uma espécie de lição que o poeta dá ao leitor e a si mesmo que afasta os limites e amplia a nossa educação.

No tríptico, *O cão sem plumas*, *O rio* e *Morte e vida severina* (há os que preferem reunir esses poemas na chave “ciclo do rio”), é forte a influência narrativa e dramática. Poema todo feito na base das símiles prosaicas, *O cão sem plumas* é elaborado a partir da visão de um sujeito-observador. Em *O rio*, o sujeito é o próprio rio que é também objeto da narração. Já em *Morte e vida severina*, agora na forma dramática, a voz vem diretamente das personagens. Essas mudanças na forma exprimem as aproximações tateantes de Cabral ao tema do subdesenvolvimento e da miséria no sertão nordestino.

Se pensarmos esses poemas em termos de evolução é curioso notar como o poeta sai da observação (*O cão sem plumas*) para o estudo de um ser, o rio, em todas as suas possibilidades econômicas e geográficas durante seu percurso de misérias e grandezas, e mais adiante seu foco se volta para as pessoas (*Morte e vida*). É a voz que determina o ponto de vista em cada poema. A voz faz o trajeto que sai do poeta, enquanto observador, para, num momento intermediário, ser do próprio rio e, finalmente, para ser daqueles que vivem a miséria da região. Não há problema ou hesitação em relação à identificação, como estudado no processo narrativo de *Vidas secas*.

Discordando de Haroldo, penso que é com *Morte e vida severina* que Cabral chega no melhor da realização de sua intenção de diminuir a distância entre poeta e público. A questão aqui se torna outra: o público que Cabral queria alcançar não foi o público que o consumiu. Não foi possível naquele momento, embora houvesse uma tentativa, levar a poesia para fora do círculo elitista que a consome. Mas por outro lado, há a vitória de conseguir mostrar para essa elite algo que não seja ela mesma. Nesse sentido, o alcance da realização se emparelha ao de *Vidas secas*.

Morte e vida severina é uma homenagem às várias literaturas ibéricas. Marly de Oliveira, na “Introdução” à *Obra completa* de Cabral (Melo Neto, 1994), faz um estudo bem detalhado das influências catalã, galega, portuguesa, castelhana, do folclore pernambucano, do Realismo, do Modernismo presentes no texto (Melo Neto, 1994). No nível do tema, esse poema condensa uma série impressionante: os impactos de uma modernização que nunca se completa e da qual resta apenas penúria e indignação, a denúncia da luta desigual e violenta entre pequenos sitiantes e grandes proprietários e os efeitos da migração que transforma vaqueiros em sub-empregados.

A estrutura do texto é bivalente: há, como no poema anterior, *O rio*, o episódismo da

viagem que se realiza por etapas. Acompanhamos essa viagem por quase dois terços do texto até quando o auto propriamente dito toma lugar. Durante o trajeto até o Recife, primeira parte do texto, Severino se depara com as várias caras da morte: irmãos das almas que levam numa rede um sitiante assassinado por aumento de latifúndio; morte do próprio rio que seca no verão; casa onde velam outro Severino; uma mulher da janela que vive apenas de atividades ligadas à morte; enterro de um lavrador. E mesmo quando chega ao Recife, ao descansar ao pé de um muro alto, o que escuta é a conversa cheia de humor negro dos coveiros. Deles aprende as hierarquias do cemitério que são como um espelho do que se passa no mundo dos vivos. Dividido pela classe social, o cemitério dá lugar aos retirantes junto com os indigentes, dois grupos que estão em último lugar na escala social.

Onde antes havia um lavrador, um vaqueiro, um trabalhador de engenho, agora há um indigente. É uma pessoa que não tem outra alternativa senão viver nas partes mais pobres da cidade, nas margens, exposto a todo tipo de violências, e sem nenhum conhecimento válido para os trabalhos na cidade. O destino desse homem é o subemprego na melhor das hipóteses.

Quando Severino, a um passo de se suicidar, é salvo pelo nascimento do filho de Seu José, passamos para o outro lado do texto, para o momento de valorização do pólo “vida”. Não há, entretanto, nenhuma poetização da vida. A estrutura tradicional do auto é parodiada. As rezas típicas são introduzidas e transtornadas em seus desenvolvimentos, onde de novo aparecem miséria e morte. O rito passa da celebração para a descrição de uma visão desencantada e cruel. Antonio Carlos Secchin escreve que Cabral passa da palavra florida à palavra ferida (Secchin, 1985: 107-77).

A ambivalência do texto se apresenta de modo isomórfico. Da estrutura ao tema, a exploração das possibilidades de morte e vida ocupa todos os lugares. Se começarmos pela definição do tipo de texto, já encontramos ambivalências: este texto se apresenta como auto de natal pernambucano, expressão que vem entre parêntesis abaixo do título *Morte e vida severina*. Segundo o *Dicionário de termos literários*, “o auto designa toda peça breve, de tema religioso ou profano, em circulação durante a Idade Média” (Moisés, 1974: 49). Assim, é, por definição, peça, drama, no entanto, o título da primeira seção do texto, “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”, nos abre a porta da leitura, já que endereça o leitor, nos remetendo diretamente para o texto narrativo. Casando os domínios do drama, da narração e da poesia, Cabral, com sua didática, já nos havia dado a chave no título de um livro em que reunia “poemas em voz alta” (Melo Neto, 1978).

O final dessa primeira seção, “passo a ser o Severino/que em vossa presença emigra”, continua conduzindo a ambigüidade de classificação textual e, além disso, o uso duplo da palavra “emigra”, que remete tanto a emigrar para nossa presença quanto para o Recife, já antecipando o tema e uma grande parte da ação do texto.

Esse auto despontará como auto propriamente dito somente a partir da terça parte do texto. Até lá veremos morte e vida no tratamento do tema da migração. Muito mais

morte, é verdade, e de modo muito concreto na presença constante de defuntos chamados Severino. No entanto, o pólo “vida” existe no plano do sonho do migrante: “só a morte tem encontrado/quem pensava encontrar vida,/ e o pouco que não foi morte/foi de vida severina/ (aquela vida que é menos/ vivida que defendida,/ e é ainda mais severina/ para o homem que retira).” (Melo Neto, 1994: 178)

A migração esconde muitas formas de morte e vida. Morre a vida que antes se levava na cidade natal, e nunca haverá retorno a ela, porque quando o migrante volta à terra natal, ele nunca a vê como antes via, tão transformado pela experiência da vida que levou na cidade para a qual migrou, no mais das vezes maior e mais desenvolvida. Assim, para sempre será, além de estrangeiro na terra dos outros, estrangeiro na própria terra. O próprio João Cabral viveu essa realidade, assim como Graciliano antes dele, para citar apenas dois nomes.

Benedito Nunes escreve sobre a “dialética do desterramento” como uma força na poesia brasileira desde Gonçalves Dias, passando por Oswald de Andrade, Sousândrade e Carlos Drummond. É interessante lembrar aqui também de Gilberto Freyre, que influenciado pelo desterramento, criou sua obra e está lá citado ironicamente por Cabral, na seção catorze, momento em que o menino é louvado em sentido inverso ao religioso: “Todo o céu e a terra/ lhe cantam louvor/e cada casa se torna/num mocambo sedutor./Cada casebre se torna/no mocambo modelar/que tanto celebram os/sociólogos do lugar.” (Melo Neto, 1994: 196)

Benedito Nunes explica como o nome “Severino” passa de substantivo próprio a comum sendo todos severinos os que a seca expulsa do sertão e o latifúndio expulsa da terra. O nome passa à categoria de adjetivo quando marca como severina a condição de penúria e indigência vivida pelos retirantes.

Severino procura vida e só encontra a morte. Ele caminha para um destino trágico, produto de condições climáticas, sociais e políticas, e é salvo pelo auto de natal que interrompendo o seu caminho para fora da vida, lhe apresenta o salto para dentro dela. O texto é dividido em dezoito cenas/episódios. Na décima segunda acontece o ponto alto da ação quando Severino, após ter escutado a conversa dos coveiros no momento em que chega a Recife, começa a perceber a cruel realidade do que lhe aguarda ali. Na seção que antecede o encontro com Seu José, Severino faz um balanço de seu trajeto e atesta:

- Nunca esperei muita coisa,

é preciso que eu repita.

Sabia que no rosário

...

ao acabar minha descida,

não seria diferente
a vida de cada dia:
... esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
Nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia. (MELO NETO, 1994: 192)

Profundamente desencantado com suas perspectivas na cidade, ele pensa em cometer suicídio. Neste momento, encontra Seu José, a quem pergunta se não seria melhor saída saltar fora da ponte e da vida. Seu José argumenta com esperança e fé na vida quando Severino acha que:

não é melhor se entregar?
Severino, retirante,
o mar da nossa conversa
precisa ser combatido,
sempre, de qualquer maneira.

...

Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos

e abandoná-las para trás (MELO NETO, 1994: 194)

A partir daí, Severino se retira da ação de que participa para assistir a outra: o auto que será representado para ele. Benedito Nunes chama esse procedimento de auto dentro do auto, que ao terminar cede lugar à continuação do diálogo entre Severino e Seu José.

Severino pertence a um modo de produção que está completamente esgotado e decadente. O diálogo entre Severino e a mulher da janela prova como as suas atividades econômicas do Nordeste – lavrar, cuidar do gado e trabalhar no bangüê – estão em baixa. Quanto às roças, ela explica que “esses roçados o banco/ já não quer financiar” (Melo Neto, 1994: 179), também ali não é lugar para criação, e, finalmente, explica quanto aos bangüês que “com a vinda das usinas/ há poucos engenhos já” (Melo Neto, 1994: 180). Em alta estão as profissões que tratam da morte e profissionais vêm da cidade, retirantes às avessas, farmacêuticos, coveiros, doutores.

O impacto que a modernização das usinas trouxe é também tratado no trecho em que Severino chega à zona da mata e não encontra gente trabalhando. Observa apenas o engenho em ruínas e o bueiro da usina: “Mas não avisto ninguém,/ só as folhas da cana fina;/ somente ali à distância/ aquele bueiro de usina;/ somente naquela várzea/ um bangüê velho em ruína./ Por onde andaré a gente/ que tantas canas cultiva?” (Melo Neto, 1994: 180)

Como todos sabem, as usinas modernizaram a produção da cana, diminuindo o número de trabalhadores efetivos necessários. Muitos eram aproveitados no corte da cana, mas esta é uma atividade sazonal e, no mais das vezes, sem registro em carteira de trabalho. Desprovidas de uma forte política de sustentação e incentivo, as usinas ficaram à mercê das flutuações do mercado e muitas fecharam devido à ausência de investimentos e de modernização em termos de técnica. O fechamento das usinas foi ainda pior que a sua abertura. O desemprego gerado foi maior ainda.

A reforma agrária anda a passos lentos e violentos. Na migração de Severino, o primeiro encontro que ele tem é com os “irmãos das almas” que carregam no fundo de uma rede um pequeno proprietário assassinado pela voracidade do latifundiário. Em passagem mais adiante, Severino assiste ao enterro de um lavrador que viveu sua vida toda trabalhando pelo sistema de “meias”. De seus amigos, Severino escuta os famosos versos:

- Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor

que tiraste em vida.

- É de bom tamanho,

nem largo nem fundo,

é a parte que te cabe

deste latifúndio.

- Não é cova grande,

é cova medida,

é a terra que querias

ver dividida. (MELO NETO, 1994: 183)

No diálogo que Severino entabula com os irmãos das almas há ainda um toque de humor negro. Severino pergunta aos irmãos que acontecerá contra a espingarda. O que se espera num caso como esses é a punição, a prisão por homicídio, mas na resposta dos irmãos conhecemos a dura e irônica realidade: mais liberdade é que o grande proprietário terá, “mais campo tem para soltar, irmão das almas, tem mais onde fazer voar/ as filhas-bala” (Melo Neto, 1994: 183).

Em seguida, Severino pergunta aonde é que levam o corpo para ser enterrado e se acaso não pode ajudar a levá-lo. Os irmãos aceitam a sua ajuda, pois, assim, aquele que fez mais longo caminho pode voltar dali mesmo. Os dois estavam tão cansados que afirmam: “mais sorte tem o defunto,/ irmão das almas,/ pois já não fará na volta/ a caminhada.” (Melo Neto, 1994: 175). É terrível a tirada que mais uma vez inverte a valorização dos pólos morte e vida.

A inversão do sentido religioso do auto dentro do auto também apresenta toques de humor negro. Quando os vizinhos oferecem seus presentes ao recém-nascido, vemos a passagem da celebração para a descrição desencantada de uma realidade de penúria e miséria. No trecho a seguir, pode-se perceber a inversão do tom de sobrenatural do Natal para o tom da realidade concreta mais um toque de humor negro:

- Minha pobreza tal é

que não tenho presente melhor:

trago papel de jornal

para lhe servir de cobertor;

coabrindo-se assim de letras

vai um dia ser doutor. (MELO NETO, 1994: 197)

O futuro do menino, no entanto, previsto pelas duas ciganas, é desalentador. A primeira cigana faz uma previsão dentro da permanência do modo de vida já conhecido por todos: “cedo aprenderá a caçar:/ primeiro, com as galinhas,/ que é catando pelo chão/ tudo que cheira a comida” (Melo Neto, 1994: 198). Mais tarde, ela continua, será um pescador de mangue coberto de lama ou fazendo iscas com os dedos para pescar camarões. A segunda cigana completa a figura já na clave dos impactos da modernização. Ela vê o menino todo negro não de lama, mas de graxa das máquinas da fábrica, emprego que o levará longe. O longe do qual fala é um mangue mais distante.

Na penúltima seção, no entanto, o tom de humor negro cede lugar a uma crescente valorização da vida, cujo ápice é o nascimento do filho de seu José, com toda a aura de promessa e renovação que qualquer nascimento enseja:

- Sua formosura

deixai-me que cante:

é um menino guenzo

como todos os desses mangues,

mas a máquina de homem

já bate nele, incessante.

...

- De sua formosura

deixai-me que diga:

é belo como o coqueiro

que vence a areia marinha.

...

é tão belo como um sim

numa sala negativa.

...

Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.

...

E belo porque com o novo
todo o velho contagia.

Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.

Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.

Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria. (MELO NETO, 1994: 200-1)

O retirante, que esteve de fora, volta agora à cena para ouvir de Seu José a resposta da pergunta que havia feito: se não valia mais saltar para fora da vida. A fala de Seu José arrepiava até as pedras pelo profundo respeito, confiança e esperança na vida. E como nas tragédias shakespearianas há lugar para o riso, mesmo aquele sem graça, no auge do drama, assim como na oposição entre o vilão e o herói, em que quanto pior for o vilão, maior será o herói. Em *Morte e vida severina*, apesar da presença constante da morte, da desesperança e da ausência de perspectivas, a renovação que o nascimento de uma vida faz acontecer é suficiente para que Seu José dê a sua resposta. E sua resposta não é pautada pelas idéias já que, como diz, “é muito difícil defender/ só com palavras a vida”, mas o espetáculo de florescimento que é a própria vida fala por si só.

O rumo que Severino vai tomar depois de ouvir a resposta de Seu José restou aberto. Parece que Seu José dá a ele uma lição. Uma lição de vida. Dentro do cenário da obra poética de João Cabral esta é mais uma de suas lições dentro de sua pedagogia da pedra.

Referências:

BARBOSA, João Alexandre. *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

_____. João Cabral ou a educação pela poesia. In: _____. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996. p. 239-247.

_____. A lição de João Cabral. In: *Cadernos de literatura brasileira*, n. 1, Instituto Moreira Salles, p. 62-105, março, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

CAMPOS, Haroldo. O geômetra engajado. In: _____. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970. (Nosso Tempo, 5).

CARONE, Modesto. Severinos e comendadores. In: SCHWARZ, Roberto (org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 165-169.

CHAMIE, Mario. João Cabral: severo severino. In: _____. *A linguagem virtual*. São Paulo: Quiron; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p 154-159.

MAMEDE, Zila. *Civil geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto. 1942/1982*. São Paulo; Rio Grande do Norte: Nobel; Edusp; INL/Vitae/ Governo do Estado do Rio Grande do Norte: 1987.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974

NUNES, Benedito. João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Universidade de Mogi das Cruzes, 1999.

1. Adriana de F. B. Araújo é doutora em Teoria Literária pela UFRJ com a tese *Migrantes nordestinos na literatura brasileira* defendida em agosto deste ano. Fez Mestrado em Teoria Literária pela UnB e teve sua dissertação *Como a luz branca nas cores do espectro ou a construção da subjetividade em Uma noite em Curitiba de Cristovao Tezza* premiada pelo Instituto Nacional do Livro/Biblioteca Nacional em 2000.